

# A Literatura Clássica ou Os Clássicos na Literatura

PRESENÇAS CLÁSSICAS  
NAS LITERATURAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA

COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA

Cristina Pimentel  
Paula Morão

EDIÇÃO

Ricardo Nobre  
Rui Carlos Fonseca  
Joana Veiga

VOLUME VI



Edições Colibri



A LITERATURA CLÁSSICA  
OU  
OS CLÁSSICOS NA LITERATURA  
VOLUME VI

Presenças Clássicas  
nas Literaturas de Língua Portuguesa



A LITERATURA CLÁSSICA  
OU  
OS CLÁSSICOS NA LITERATURA  
VOLUME VI

Presenças Clássicas  
nas Literaturas de Língua Portuguesa

Coordenação Científica  
Cristina Pimentel e Paula Morão

Edição  
Ricardo Nobre  
Rui Carlos Fonseca  
Joana Veiga

  
Edições Colibri

 centro de estudos  
CLASSICOS

**A LITERATURA CLÁSSICA OU OS CLÁSSICOS NA LITERATURA**  
PRESENCAS CLÁSSICAS NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – VI

Coordenação Científica: Cristina Pimentel e Paula Morão

© Centro de Estudos Clássicos (FLUL) e autores

Edição: Edições Colibri / CEC

Capa: Raquel Gil Ferreira

DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/60073>

ISBN 978-989-566-307-1

Depósito legal n.º 516 967/23

Lisboa, Novembro de 2023

Todos os textos recolhidos neste volume foram submetidos a arbitragem científica.

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00019/2020

# Índice

Prefácio .....	7
----------------	---

## ENSAIOS

Anfitrião, hóspede do entremez .....	11
<i>José Camões</i>	

Pervivência de Séneca trágico na peça quinhentista <i>Farsa Penada</i> ...	27
<i>Ricardo Duarte</i>	

Dois tradutores de Horácio no século XVI: Jorge Fernandes e André Falcão de Resende .....	41
<i>Ana Margarida Silva Azevedo</i>	

Imagens clássicas na poesia do paço ducal de Vila Viçosa (1630).....	59
<i>André Simões</i>	

“porque as notórias Antiguidades são bases de histórias” – A tradição épica antiga no <i>Viriato Trágico</i> de Brás Garcia de Mascarenhas .....	81
<i>Rui Carlos Fonseca</i>	

Os clássicos no poema heroico <i>Henriqueida</i> (1741) de D. Francisco Xavier de Meneses, com alusões inevitáveis ao Ciclope Camões.....	103
<i>Gil Clemente Teixeira</i>	

Para uma <i>gramática</i> do intertexto clássico na ficção camiliana: variedade, forma e função .....	131
<i>José Cândido de Oliveira Martins</i>	

Camilo e os Clássicos: mais um casamento feliz.....	157
<i>Ana Paula Pinto</i>	

“Todos os caminhos levam a Roma”: a presença da Antiguidade Clássica em <i>A Casa Grande de Romarigães</i> , de Aquilino Ribeiro.....	177
<i>Maria José Ferreira Lopes</i>	

As descendentes da <i>meretrix</i> em duas peças de Natália Correia.....	201
<i>Robin Driver</i>	
Os cavalos de Tróia de António Osório .....	213
<i>Rita Patrício</i>	
O Dom da Metamorfose: A Presença de Ovídio na Poesia de António Franco Alexandre .....	233
<i>Ricardo Gil Soeiro</i>	
O tempo do Luto e da História na poesia de R. Lino.....	249
<i>Patrícia Soares Martins</i>	
A receção da Antiguidade clássica nos últimos livros de Paulo Teixeira, em especial em <i>Orbe</i> .....	261
<i>José Ribeiro Ferreira</i>	
<i>Os Lusíadas</i> e <i>Uma Viagem à Índia</i> : A ficção na construção de uma identidade coletiva.....	287
<i>Isabel Garcez</i>	
Vigência da tragédia grega nos séculos XX e XXI: <i>Antígona</i> , de Salvador Espriu, e <i>Os Velhos Também Querem Viver</i> , de Gonçalo M. Tavares.....	309
<i>Mònica López Bages</i>	
Usos e desusos da mitologia grega na literatura contemporânea: o estatuto mítico do cérebro de Patrícia Portela .....	337
<i>Carlos Gontijo Rosa</i>	
<i>O kairos</i> em <i>Sessenta minutos</i> de Christina Ramalho.....	359
<i>Ana Rita Figueira</i>	
Raptos: Ganimedes em alguma poesia portuguesa contemporânea ...	387
<i>Paulo Alexandre Pereira</i>	

#### TESTEMUNHOS

O Trágico – Sacrifício sem Recompensa .....	411
<i>João Moita</i>	
Os clássicos na minha poesia .....	417
<i>Luís Filipe Castro Mendes</i>	
Os meus clássicos (enfim, alguns deles) – memórias, homenagens, paradoxos .....	421
<i>Pedro Eiras</i>	

# Camilo e os Clássicos: mais um casamento feliz

ANA PAULA PINTO\*

## 1. Contexto

Em 1861 – coincidindo com a fase em que a justiça o iliba do crime de adultério, permitindo-lhe assumir em liberdade o início da vida conjugal com Ana Plácido – Camilo Castelo Branco procedeu à primeira edição da série ficcional *Doze Casamentos Felizes*<sup>1</sup>. Pelo testemunho autobiográfico do autor, sabemos que várias das breves narrativas (“historinhas”<sup>2</sup>) tinham sido produzidas na Cadeia da

---

\* Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos | [appinto@ucp.pt](mailto:appinto@ucp.pt). Este trabalho foi apoiado pela Fundação Portuguesa para a Ciência e a Tecnologia (projecto de investigação UIDB/00683/2020 – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos).

<sup>1</sup> Por comodidade metodológica, citar-se-á de forma abreviada ao longo desta exposição pela sigla *DCF* a obra, cuja edição de referência, registada de forma completa no apartado bibliográfico, é a das *Obras Completas* da Editora Lello, sob a direcção de Justino Mendes de Almeida.

<sup>2</sup> Embora o subtítulo anuncie tratar-se de Romances (*DCF*: 969), a nota *Na segunda edição* (de 10 de Setembro de 1862) denomina-as com indisfarçada ironia como “historinhas” (*DCF*: 971). Equivalente menosprezo parece ficar testemunhado nas palavras com que se sublinha “a sua muita simplicidade e naturalidade” (*DCF*: 971), consentânea com o desejo de “que se fizessem romances, como se pintam paisagens, de modo que o merecimento de tais escritos assentasse na fidelidade da cópia” (*DCF*: 971). Na verdade, o objectivo nuclear do

Relação do Porto, onde expiara o arroubo passional, concebendo o orgulho “de ter nelas imaginado a vida como ela podia ser, sem desbarato do divino engenho que bafejou o lodo dos corações” (*Memórias do Cárcere*, 1881: 127).

Distinguindo-se de outros núcleos narrativos da produção camiliana, que evidenciam de forma mais ou menos convencional, segundo as opções estéticas<sup>3</sup> em voga, o tecido estruturante da sociedade portuguesa oitocentista – apoiada sobre a antinomia do decoro (na esfera racional) ou do escândalo (na esfera passional), a estribar-se de um lado pela legitimidade do contrato matrimonial imposto por conveniência, e do outro pela marginalidade infamante de amores contrariados por desigualdades sociais –, esta colecção de narrativas *verídicas* insiste, como factor de unidade temática, no inusitado tópico da felicidade conjugal. Fundada na certeza indiscutível do amor genuinamente correspondido dos esposos, e validada na moldura lídima do matrimónio, a felicidade doméstica quotidiana recorre aqui como um operador capaz de sintetizar numa só as esferas dicotómicas do racional e do passional.

Feita da perspícaz articulação de indícios reconhecíveis pelo público, desde os enquadramentos geográficos e temporais de cunho histórico às personagens reais, do universo social do narrador-autor e das suas amizades, a que se soma o complexo estatuto interventivo do narrador homodiegético, instituído como autor textual<sup>4</sup>, a colecção narrativa propõe uma hábil mescla de folhetim sentimental e de romance histórico<sup>5</sup>, combinando de forma provocadora a sentimentalidade romântica<sup>6</sup> e a cientificidade

---

testemunho literário seria o de “que o romance, conselheiro e panegirista das virtudes conjugais, produza salutareos contentamentos” (*DCF*: 972).

<sup>3</sup> Sobretudo inspirado nos modelos franceses (de Victor Hugo, Eugène Sue, Nodier, Féval) e ingleses (de Walpole, Ana Radcliffe) traduzidos para vernáculo: cf. Lima Alves (1990: 9-10) e Reis e Pires (1993).

<sup>4</sup> A contactarem, directa ou indirectamente, com os protagonistas da maior parte das histórias: à responsabilidade do amigo António Joaquim estão as informações relativas ao primeiro e ao último casamento.

<sup>5</sup> Algumas vezes, porém, neste enquadramento dúbio, o imprevisto folhetinesco, tão do gosto da retórica romântica, parece sacrificar a verosimilhança histórica.

<sup>6</sup> V. Ferraz (1991).

naturalista<sup>7</sup>, veladas de uma indisfarçável veia humorística. Marcada, assim, pelos excessos caricaturais da extensa galeria das personagens (onde não faltam, no afã de satisfazer as exigências do público, os levianos sedutores e as vítimas martirizadas, prontos a morrer ou de tédio ou de amor) e pela mirabolante vertigem das peripécias<sup>8</sup> narrativas, a série ficcional dos *Doze Casamentos Felizes*, explicitamente configurada como um projecto morigerador de função edificante (cf. a primeira inscrição epigráfica de Legouvé<sup>9</sup>, e o circunlóquio dialogado que precede a última narrativa), aposta também na reincidência obsidiante de citações e ecos clássicos greco-romanos<sup>10</sup>, quer míticos, quer literários, quer históricos.

É a leitura simbólica dessas referências da Antiguidade Clássica que nos propomos aqui fazer.

---

<sup>7</sup> V. Duarte (2002).

<sup>8</sup> Como a do botequineiro resgatado por um casamento nobre, Hilário Afonso (de provável etimologia falante), que tenta com todas as forças impedir o filho do boticário de erguer para a aristocracia da sobrinha da esposa os seus impuros “olhos esponsalícios” (quarto casamento), ou a velha viúva, D. Caetana Mendes, que rejeita para a filha um noivo pelintra, Januário Ferraz (o de duas caras, que “ferra”), mas o compra para os seus próprios apetites inflamados e serôdios (quinto casamento). Os efeitos cómicos tendem a multiplicar-se através das oposições duais de tipos: os vilões e os heróis, os sedutores e os seduzidos, os equilibrados e os desordeiros, os castos e os veementes, os recatados e os desonestos, os anjos espiritualizados e os demónios voluptuosos, os inocentes e os depravados, os jovens e os velhos, os enamorados e os entediados, os generosos e os criminosos, os ricos e os miseráveis...

<sup>9</sup> DCF: 969: “Un livre dans lequel une seule ligne attaquerait la famille serait une mauvaise action” (Legouvé, *Histoire morale des femmes*). Jacinto do Prado Coelho (2001: 372) lembra a propósito que, “se na ética (e estética) da novela camiliana é permitido mencionar o desejo, parece indecorosa a sua satisfação”.

<sup>10</sup> Sobre a herança greco-latina na ficção camiliana, v. Pereira (1994).

## 2. Os Doze Casamentos

**2.1.** A narrativa do primeiro casamento, escrita em 1861<sup>11</sup> sob uma inscrição epigráfica de Michelet (*DCF*: 973), sublinha em cinco capítulos o poder regenerador do amor. Enquanto o primeiro capítulo, o proémio, propõe como tese a convicção<sup>12</sup> generalizada de que a felicidade conjugal é um bem raro, e de que todo o homem casado se arrepende, pelo menos uma vez ao dia, de ter sacrificado a sua liberdade, enfeitado pelos dons de formosura, pelas qualidades, ou pelo património de uma mulher<sup>13</sup>, os quatro capítulos seguintes particularizam a história de um casal que o autor surpreendeu em excepcionais manifestações públicas de afecto, passeando nas “carvalheiras de Santo António das Taipas” (*DCF*: 975), na margem direita do Ave; o testemunho externo do amigo António Joaquim providenciou ao autor os antecedentes deste “amor sobrenatural” (*DCF*: 976), detalhando a aproximação de D. Cândida de Lima, uma viúva abastada, e Luís de Cernache, visita recomendada por uma amiga comum.

---

<sup>11</sup> O final da narrativa denuncia, na “saudação respeitosa” aos protagonistas, a circunstância peculiar da criação diegética, “entre quatro paredes nuas e molhadas de um cárcere” (*DCF*: 987).

<sup>12</sup> A tese enuncia-se com toques de ironia, segundo o cientismo positivista da tradição realista: “Que, de todo o tempo, a flor fruteou e se feneceu – o coração se desentranhou em delícias de esperança, e desmaiou nas tristezas do fastio, isso mui de fé e experiência o creio, que mo atesta a história de todos os povos, escassamente variada por quase imperceptíveis condições de temperamento e razões de climas; agora, porém, nestes ruins tempos de material e nauseante industrialismo, a fase do coração é curta, o amor vem temporão, e como que apodrece antes de sazonado. [...] Dislates do amor empecem o ir direito ao fim. O coração é víscera que derranca o sangue, se com as muitas vertigens o vascoleja de mais. Faz-se mister abafar-lhe as válvulas, e exercitar o cérebro onde demora a bossa do cálculo, da empresa, da sordícia gananciosa, e outras muitas bossas filiadas ao estômago, o qual é, sem debate, a víscera por excelência, o luzeiro perene entre as trevas que ofuscam as almas” (*DCF*: 973-74).

<sup>13</sup> No discorrer do segundo casamento, Camilo nota que gostaria de escrever outros sucessos “para edificação dos nobres amigos acorrentados ao calcanhar de uma velha cotada em cinquenta contos na praça” (*DCF*: 998).

Os encontros e desencontros dramáticos<sup>14</sup> dos dois corações emprestam enquadramento a várias citações dos clássicos. As primeiras sucedem no discurso do autor textual, que regista uma breve referência a César e à mulher de César<sup>15</sup>, e uma alusão à figura mítica das quimeras<sup>16</sup>.

A maior parte das restantes referências associa-se à retórica do herói, que nobilita “com sentenciosa erudição” (DCF: 985) o seu próprio discurso: a sua demora, na província durante meses, oferece pretexto, na troca epistolar (DCF: 979-981) com um correspondente de Lisboa, para várias alusões cultas: o sono reparador que o retém longe da capital e de outros projectos cosmopolitas permite evocar as misteriosas circunstâncias da vida do filósofo e poeta Epiménides de Cnossos (DCF: 979) – que, segundo a tradição antiga<sup>17</sup>, teria, numa hora de canícula, adormecido na fresca sombra de uma gruta, em Cnossos, só acordando dali a 57 anos; a boa mesa com que regala os sentidos lembra as excentricidades do gastrónomo romano Apício<sup>18</sup>; o esforço que coloca a satisfazer a curiosidade do amigo permite-lhe trazer à colação (DCF: 979) os sacrifícios da amizade de

---

<sup>14</sup> Depois de vinte meses de convivência, tomado do fastio recorrente do herói romântico, ele decide-se a partir; quando recusa a inesperada companhia da apaixonada na viagem, ela enclausura-se, mas ele acaba por regressar à província, a resgatá-la do convento.

<sup>15</sup> V. DCF: 976 a propósito do eventual escândalo provocado pelas “ternuras expansivas”, dos amantes às leitoras, que não só são como parecem pudicas.

<sup>16</sup> V. DCF: 977 a propósito da ficcionalidade literária dos afectos.

<sup>17</sup> A partir dos testemunhos antigos de Pausânias, Diógenes Laércio e da *Suda*, sumariada por François Fénelon no *Compêndio das vidas dos filósofos antigos*. É possível que a alusão, encaixada no diálogo epistolar da personagem com o correspondente de Lisboa (que reclama da sua prolongada ausência) também contenha a reminiscência das trocas epistolares do filósofo e poeta grego do século VI a. C. com o amigo e político Sólon, de que dá sinais Diógenes Laércio (*Vidas, opiniões e sentenças dos mais ilustres filósofos*). Muitas obras, poéticas, teatrais e até jurídicas, lhe foram posteriormente atribuídas pela tradição literária.

<sup>18</sup> Marco Gávio Apício, gastrónomo do século I d. C., celebrou-se no mundo antigo não só pela sofisticada criatividade das suas propostas gastronómicas (reunidas, com prováveis interpolações tardias, no tratado *De re coquinaria*), mas também pela excepcional prodigalidade com que, para as executar com os mais requintados e raros ingredientes, delapidou a fortuna pessoal; o

Licínio<sup>19</sup> a Bruto, no mundo romano, e de Alcibiades a Sócrates<sup>20</sup>, no grego; e a vizinhança de famílias “antediluvianas” (DCF: 980) da província justifica a alusão jocosa à genealogia primeva dos que, como os míticos Deucalião e Pirra<sup>21</sup> (DCF: 980), escaparam ao dilúvio universal, ou aos bárbaros Getas<sup>22</sup> (DCF: 981); alusões obscuras às aventuras amorosas do protagonista em Paris e Lisboa, que teriam justificado o seu exílio na província, emolduram referências sucessi-

---

testemunho de Séneca (*Ad Helviam* 10) deixou à posteridade a notação de que, tendo dissipado hiperbolicamente a fortuna, Apício preferiu envenenar-se a correr o risco de algum dia passar fome.

- <sup>19</sup> Trata-se de uma alusão ao poeta (um dos *poetae novi*) e orador Gaio Licínio Calvo (Roma, século I a. C.), inimigo de César; a história sublinha a sua amizade com Catulo, mas não com Bruto; talvez Camilo tenha pretendido na formulação aludir à mútua hostilidade contra César.
- <sup>20</sup> Alcibiades Clíniás Escambónidas, general e político ateniense, sobrinho de Péricles (que o educou), foi amigo pessoal e admirador do filósofo Sócrates, como testemunham algumas das obras de Platão (*Alcibiades*, *Banquete*) e *As Rãs* de Aristófanes; as mais relevantes fontes sobre a sua biografia devem-se a Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso* V-VIII), Plutarco (*Vida de Alcibiades*) e Cornélio Nepos (*Acerca dos Gerais Ilustres* 7).
- <sup>21</sup> Os relatos míticos primitivos lembravam que, decidido a eliminar a humanidade ímpia, Zeus lançou sobre a terra um dilúvio; Deucalião, rei da Ftia, advertido pelo titã Prometeu, seu pai, construiu e guarneceu de provimentos uma arca de madeira, e nela embarcou com a esposa Pirra, filha de Epimeteu; ao fim de nove dias, tendo as chuvas cessado, o casal desembarcou a salvo num monte (ou o Parnaso, ou o Etna, ou o Atos ou o Ótris) e, depois de sacrificarem aos deuses, conquistaram o privilégio de reconstituir a humanidade, com as pedras que lançavam para trás das costas, metamorfoseadas por ingestão divina em novos homens e mulheres.
- <sup>22</sup> Tribos bárbaras da Trácia e da Dácia que ocuparam as regiões ao Sul do Baixo Danúbio e com quem os Gregos mantiveram contactos económicos a partir do século VII a. C.; vencidos por Alexandre antes das Campanhas Persas, vieram posteriormente a ganhar novo ímpeto, de modo que contra eles marcharam também em sucessivas campanhas os Romanos a partir do século I a. C. É possível que a distinção tributada por Camilo aos Getas, no conjunto mais amplo das tribos bárbaras, ocorra como uma alusão indirecta ao pungente exílio de Ovídio, que nos *Tristia* (5.10.37-38) desabafa a perplexidade de, completamente isolado e incompreendido entre os Getas – que se riem estolidamente da sua língua –, se reconhecer ele o bárbaro. Para mais detalhes, v. Rocha Pereira (2004).

vas a mitemas de rapto passional, convocando não só o enquadramento troiano, com os nomes de Menelau e Helena, Páris e Ílion (DCF: 981), mas também a reminiscência ao antecedente mítico de Perseu e Andrómeda (DCF: 981). O afastamento de Luís de Cernache para a capital, ao fim de vinte meses de convívio com a viúva, fundamenta a reminiscência das figuras de Eneias e Dido, “a outra choramingas de Cartago” (DCF: 981-82), sustentada pela citação literal de um verso de Ausónio<sup>23</sup> (DCF: 982); já a reflexão do herói, que se distancia em perplexidade do cenário da sua aventura amorosa, justifica, pela evocação explícita a Marco Aurélio, o “filósofo” (DCF: 984), uma alusão culta aos *Pensamentos* do estóico<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Camilo cita o segundo hemistíquio do segundo verso de um epigrama de Ausónio (Ausonius Appendix, LCL 115:288-89): [*Infelix Dido nulli bene nupta marito / Hoc pereunte, fugis*] *hoc fugiente, peris*: “Infeliz Dido, a nenhum marido bem associada; / Morrendo um, foges; fugindo outro, morres” (tradução nossa). Para as polémicas relativas à autoria do epigrama, e traduções do neoclassicismo português, v. Pinheiro (2010: 113).

<sup>24</sup> É possível que, na melancólica reflexão de Luís de Cernache, ao afastar-se com mágoa da fidalga (que se recusa a acolhê-lo na despedida), ecoem em concreto, presentes na memória culta de Camilo, alguns dos *Pensamentos* de Marco Aurélio. As convulsões da paixão fazem-se presentes em V.26: “A parte que dirige e manda na tua alma seja indiferente ao movimento, doce ou violento, que a tua carne sente; não se imiscua nele mas se limite a si mesma, e mantenha essas paixões nas lides do corpo. Quando se propagam à inteligência por efeito da simpatia que religa umas às outras as partes da pessoa, pois a pessoa é indivisa, então não devemos opor-nos à sensação, fenómeno natural. Mas quanto a saber se é um bem ou se é um mal, não se meta nisso a parte que nos dirige” (Marco Aurélio 1995: 62). Em VII.27, reflecte-se sobre a saudade causada pela ausência de um bem apetecido: “Não julgues as coisas ausentes como presentes; mas entre as coisas presentes pondera as de mais preço e imagina com quanto ardor as buscarias se não as tivesses à mão. Mas ao mesmo tempo toma cuidado, não seja caso que ao delicias-te assim nas coisas presentes te habitues a sobrestimá-las; procedendo assim, se um dia as viesses a perder, davas em louco rematado” (Marco Aurélio 1995: 86); e, em VII.33, é a dor que ocupa a atenção do filósofo: “A dor: o que é insuportável mata, o que é simplesmente vigoroso tolera-se. A inteligência pode, recolhendo-se em si mesma, conservar a calma; a faculdade directriz não é lesada. Quanto às partes que a dor esfacela, dêem sinal disso se puderem” (Marco Aurélio 1995: 87). Sobre a dor, outros *Pensamentos* ainda: VII.64 (Marco Aurélio 1995: 93); VIII.28 (Marco Aurélio 1995: 103).

2.2. A narrativa do segundo casamento, escrita em Abril de 1859 (*DCF*: 1001), sob uma inscrição epigráfica de Francisco de Moraes, expõe a ridículo, em três capítulos, as pretensões afectivas de Manuel Antunes de Roboredo, morgado minhoto degenerado de uma inflada linha genealógica de vinte e dois avós conhecidos, surpreendido pelo acaso ao encontrar na casa de D. Tomásia de Noronha, sua prima, uma encantadora Ângela; a jovem, filha natural de um outro fidalgo minhoto, “o morgado da Capela” (*DCF*: 999), e de Maria, humilde filha de lavradores, fora acolhida por esmola à morte do pai na casa das fidalgas de Noronha; ao despertar a paixão do morgado de Roboredo, Ângela merecerá também a hostilidade da família fidalga, que há muito acalenta o projecto de matrimoniar com o morgado de Roboredo a filha mais velha.

A primeira alusão clássica deve-se à responsabilidade enunciativa de Manuel Antunes, que numa carta à estremeçada injúria a prima Amélia, suposta noiva, com o epíteto de “feia como a parca mais feia” (*DCF*: 997); as outras duas fluem da pena sarcástica do narrador, a detalhar como, rejeitado nas suas pretensões amorosas pela rapariga (que, à morte da mãe, vai pedir acolhimento à casa de um brasileiro rico, João António Francisco, com quem acabará por casar), o morgado de Roboredo ainda atravessa uma fase atribulada, atacado pelo “ciúme escoltado de fúrias, que o forçavam a vociferar solilóquios desde a blasfémia até à tolice” (*DCF*: 1000); ou como, despeitado, ruma a Lisboa, onde uma súbita paixão por uma bailarina do Teatro de S. Carlos o obriga a desfazer-se do património na província, “para alimentar o fogo sagrado da Vestal, que sofria tentações de infringir os votos quando se via às escuras” (*DCF*: 1000).

2.3. A narrativa do terceiro casamento, escrita em 1859 (*DCF*: 1016) sob uma inscrição epigráfica de Shakespeare, expõe em três capítulos a insólita leviandade de João Nunes das Neves, morgado do Reguengo (*DCF*: 1015), a conceder a um amigo, o autor textual, a possibilidade de lhe escolher num catálogo fotográfico a esposa.

As referências clássicas multiplicam-se nas digressões do narrador, na secção introdutória, a censurar o carácter malsão dos homens, que enfeitam com os seus festões de flores poéticas “mado-nas e medusas” (*DCF*: 1005), ou, desestabilizados pela má fortuna,

bradam contra as gerações que “deixaram beber a cicuta a Sócrates” (*DCF*: 1006), ou “sacrificam<sup>25</sup> as Elviras na hecatomba do orçamento” (*DCF*: 1006), e se insurgem contra a pátria que vê “os seus Homeros e Camões, desmedrados e entanguídos, perecerem à míngua duma verba” (*DCF*: 1006). Depois de o protagonista ser apresentado como “um dos bodes expiatórios que os séculos imolam nas asas iniquíssimas dos Sócrates, dos Sénecas, dos Catões, dos Cíceros” (*DCF*: 1007), será o seu testemunho autodiegético a oferecer pretexto para as restantes alusões clássicas: reconhecendo que “só ele à sua parte fizera mais santas com o martírio do seu desdém que os tigres de Domiciano e Nero” (*DCF*: 1007); a abraçar “fantasmas, nas [suas] sedes calcinantes de Tântalo” (*DCF*: 1008), enquanto procurava a companheira com quem haveria de “associar-se [...] para os serenos contentamentos da família, [...] reparar [...] a opulência herdada, ou o pão quotidiano do seu trabalho, e a poesia exuberante dos seus ignorados tesouros” (*DCF*: 1011), João Nunes assume que muitos homens se condenaram a desperdiçar afectos com mulheres que não lhes estavam predestinadas, e se tornaram “carrascos de si e das vítimas, almas penadas, que cumprem na Terra a sentença de Sísifo, de Prometeu e das Danaides” (*DCF*: 1011). Encomenda, por isso, ao amigo poeta a responsabilidade de lhe escolher<sup>26</sup> ao acaso uma mulher a quem dedicar os afectos. Feita a escolha, revela à menina por uma alusão clássica numa carta os enganos em que se envolveu na busca da felicidade: “A minha história é a dos pássaros que depenicavam as uvas fantásticas de Apeles” (*DCF*: 1013)<sup>27</sup>; e aconselha à pretendida que, se lhe repugna a hipótese, o vote a “um ostracismo” (*DCF*: 1014). A jovem,

---

<sup>25</sup> Como Lamartine falido.

<sup>26</sup> Na escolha, o narrador cita o passo em Latim do Evangelho: “*o pauci vero electi do Evangelho...*” (*os poucos verdadeiramente eleitos*) (*DCF*: 1012).

<sup>27</sup> Associadas a similar testemunho recorrem anedotas relativas a dois pintores gregos clássicos, Apeles e Zêuxis, a quem a Antiguidade atribuíra uma tão excepcional capacidade plástica de reproduzir com realismo a natureza, que até as aves e os insectos se confundiam com as representações pictóricas: cf. Platão (*Górgias* 453c-d; e *Protágoras* 318b), Aristóteles (*Poética* 1450a, 1461b), Luciano de Samósata (*Zeuxis o Antíoco* 7); Cícero (*Inv.* 2.1-3.); Plínio, o Velho (*Nat.* XXXV.4).

Maria da Luz, filha de um pintor, aceita a proposta, e o desenlace da narrativa, testemunhado por um bilhete dos protagonistas ao amigo e narrador homodiegético, assume, num enquadramento de felicidade prosaica, a coincidência dos destinos proposta como teoria poética do absurdo.

2.4. A narrativa do quarto casamento, escrita em 1859 (*DCF*: 1035) sob uma inscrição epigráfica de Boccaccio, detalha em oito capítulos a acidentada conjuntura de aproximação amorosa de Inês e de um seu admirador de longa data, Duarte da Silveira, involuntariamente propiciada pelas ingerências familiares. Hilário Afonso, antigo botequineiro em Vila Real, e herdeiro de fartos cabedais de um tio brasileiro, casa com uma fidalga rica, D. Hermenegilda Picoa Salema Bernardes, que tem a seu cargo a educação de uma sobrinha órfã, Inês. Ao aperceber-se das pretensões de um jovem boticário, cioso da linhagem aristocrática da esposa, Hilário impõe como desafiante a clausura da menina no Convento (das Comendadeiras da Encarnação, em Lisboa). Enquanto se aguarda o ingresso no Convento, envia-se à guarda do padre Custódio a jovem, confiada em temporária hospedagem em Vila Chã (*DCF*: 1028) ao abade beneditino António da Silveira. Mas quando o abade Custódio passa, pouco mais de três dias depois, a recolher Inês, encontra-a já casada, mediante licença do arcebispo de Braga, com o sobrinho do beneditino. Na moldura de uma inesperada reconciliação, a sobrinha e sua descendência acabam herdeiros universais dos tios neuróticos.

As alusões clássicas recorrem: a façanha passada do sargento de milícias Hilário Afonso, a atravessar o Douro a nado para levar ao general um ofício importante, é assemelhada<sup>28</sup> à idêntica de Lord Byron a atravessar o Helesponto (*DCF*: 1018) ou da jovem Clélia<sup>29</sup> a cortar a corrente do Tibre (*DCF*: 1018). Após o brutal ataque ao boticário encapuzado, numa noite prateada de luar, Hilário recolhe “soberbo como Aquiles à sua tenda” (*DCF*: 1021),

<sup>28</sup> Pelo narrador, que reconhece que nenhuma das referências estava no estreito horizonte de conhecimentos de Hilário Afonso.

<sup>29</sup> A lenda, transmitida por Tito Lívio (II.13.6), contava como a jovem romana, prisioneira das tropas Clúsias de Porsena, escapa do acampamento inimigo atravessando a nado o Tibre, e liderando um amplo grupo de virgens romanas.

apostrofando melodramático a atitude degenerada da jovem, “como Agamémnon no sacrifício de Efigénia” (DCF: 1021). Solicitado a acolher a jovem na dignidade insuspeita de sua casa, o abade beneditino esmiúça as razões do exílio, e lembra ao interlocutor que, *si rite recordor* (se bem recordo<sup>30</sup>) (DCF: 1028), aquele que agora ajuíza de pandilha o filho de um boticário foi vinte atrás botequineiro em Vila Real; sugere além disso, multiplicando as citações latinas<sup>31</sup>, que poderia dar-se alguma melindrosa circunstância na proximidade da jovem e do seu sobrinho.

2.5. A narrativa do quinto casamento, datada de 1859 (DCF: 1048), e acompanhada de uma inscrição epigráfica de Molière, detalha em quatro capítulos como o peralta Januário Ferraz, filho do laborioso e honrado mercador Aniceto Ferraz, leva, com a ajuda dos estipêndios da mãe e dos roubos feitos ao pecúlio do pai, uma vida de libertinagem tão dissoluta que justifica a exasperada cólera paterna. Desalojado de casa, o biltre tenta, em sete sucessivas iniciativas, garantir fortuna pelo casamento; o desfecho insólito da história apresenta a mãe da última candidata, Jacinta, uma abastada viúva de sessenta e dois anos, D. Caetana Mendes (DCF: 1040), a recolher no convento a filha para casar clandestinamente com o peralta falido, porque, como sarcasticamente comenta o narrador, “Nem o reumatismo resiste ao fino e santo amor conjugal!” (DCF: 1048).

As referências clássicas multiplicam-se sobretudo no capítulo inicial<sup>32</sup> com as digressões do narrador: ao comentar as modificações operadas na sociedade pelas elegâncias da moda, nota-se, por meio de uma referência geral, como certos espartilhos funcionam no educar do corpo “como o leito de ferro do famigerado salteador da Ática”<sup>33</sup> (DCF: 1036); já a sociedade, expurgada de muitas das

---

<sup>30</sup> Tradução do autor.

<sup>31</sup> DCF:1029: uma literária, de Virgílio (*Eneida*, II, 204), *horresco referens* (“horrorizo-me ao referi-lo”); e uma locução recorrente no discurso oral, *quod Deus avertat* (“o que Deus não permita”).

<sup>32</sup> No episódio da apresentação de Jacinta na estalagem, o narrador diz que, no deslumbramento do encontro, ela não “lhe desencadeava do pescoço os braços mais lindos e castos que os da Vénus de Médicis” (DCF: 1042).

<sup>33</sup> A missão heróica de Teseu, desde que saiu da casa materna em Trezena a caminho da casa paterna, na Ática, cumpriu-se pelo triunfo sobre uma série de

suas naturais boçalidades pelos esforços civilizadores, evoca a imagem de gerações “de Silenos a gerarem Cupidos” (DCF: 1038), o que chega a lançar equívocos sobre o princípio do direito romano que garante que *pater is est quem nuptiae demonstrant* (“é pai aquele que as núpcias denunciam”) (DCF: 1038).

**2.6.** A narrativa do sexto casamento, concebida em 1859 (DCF: 1064) em cinco capítulos, sob uma inscrição epigráfica de Hous-saye, ocorre na sequência de uma acidentada viagem do narrador, com dezoito anos (DCF: 1055), às alturas de Barroso, e do generoso acolhimento que lhe concedeu junto da margem do Tâmega, em Ribeira de Pena, o barqueiro. Aí lhe providenciou ele ainda acesso privilegiado à história dos amores de um fidalgo rico do Alto Douro, Bernardo Pires, e da humilde lavradeira Teresa da Mó. Perseguido pelo ódio político do corregedor de Vila Real, e febril das atribulações, Bernardo fora acolhido doente em casa dos dois irmãos barqueiros de Viela, António e Teresa da Mó; sensibilizado pelos cuidados e afectos de que desfrutou durante a convalescença, ali investe na construção de uma casa os seus recursos, e casa com a humilde hospedeira apaixonada. A única referência clássica surge veiculada pela inesperada curiosidade do filho mais velho do barqueiro, que procura saber do hóspede se sabe Latim<sup>34</sup>, e se lhe ensina o ponto de Tito Lívio (DCF: 1054); questionado pelo narrador sobre a adequação de tão requintada educação do menino, o barqueiro (António da Mó, irmão de Teresa e cunhado de Bernardo Pires, e dotado dos bens construídos) garante possuir bens suficientes para

---

criminosos e salteadores, que pululavam pelos caminhos, molestando os viajantes. Entre as aventuras sanguinárias que reforçaram a sua reputação, constava o bem sucedido ataque a Polipémon, também chamado Procustes, que coagia os viajantes a uma hospitalidade macabra: oferecia-lhes como alternativas funestas para a pernoita dois leitos de ferro, um demasiado pequeno, e outro demasiado grande, aos quais por meio de torturas os visitantes tinham de se ajustar: aos altos, obrigava-os a dormir na cama pequena, serrando-lhes as pernas para que coubessem, e aos baixos, submetia-os a um processo de extensão de modo a preencherem o espaço da cama. Teseu acabou com os seus desmandos, suplicando-o de forma equivalente, pois que, prendendo-o ao leito mais curto, lhe amputou a cabeça e os pés: cf. Apolodoro, *Epítome* I.4; Higino, *Fábulas* 38; Plutarco, *Teseu* 11; Pausânias, *Descrição da Grécia* I.38.5.

<sup>34</sup> Sobre a relação de Camilo com o Latim, v. Ramalho (1994).

não precisar de labutar e ordenar padres quatro filhos, e detalha a extraordinária história de como a Providência gratificou a sua natural generosidade (*DCF*: 1055).

2.7. A narrativa do sétimo casamento, escrita em 1859 (*DCF*: 1074) sob uma inscrição epigráfica de Estácio<sup>35</sup>, apresenta em quatro capítulos a sequência do anterior, retomando na filha Maria da Piedade as virtudes do amor conjugal dos pais, Bernardo Pires e Teresa da Mó. Também tocada pelo carisma de um hóspede, perseguido por conspirações políticas, e militante em todas as revoltas populares (*DCF*: 1067), a menina ressentia-se de tal modo da duradoura ausência do amado, em abnegada entrega à causa patriótica, que fica próxima da morte. Mas o regresso de Tomás de Abreu resgata-a desse destino funesto para a sólida felicidade matrimonial.

As alusões clássicas, da autoria do narrador, resumem-se à aproximação do entusiasmo patriótico de Tomás à dos Codros<sup>36</sup> na Grécia, ou dos Cévolas<sup>37</sup> em Roma (*DCF*: 1068); e o esmorecer do seu entusiasmo patriótico ao falecer “a coragem de Bruto”<sup>38</sup> (*DCF*: 1073).

---

<sup>35</sup> *DCF*: 1065: Estácio, *Silv.* I.2.203: *Prendisti portus* (“Chegaste ao porto”).

<sup>36</sup> Trata-se dos filhos do mítico Codro, o último rei de Atenas, que reinou durante as invasões dóricas, mas morreu, segundo as previsões do Oráculo de Delfos, quando os Heraclidas conquistaram Atenas, e instauraram o regime político do arcontado; Medonte, um dos filhos de Codro, foi o primeiro arconte de Atenas, disputando o poder ao irmão Neleu: cf. Eusébio de Cesareia, *Crónicas*, 66.

<sup>37</sup> A audácia guerreira do jovem patrício Caio Múcio, a invadir o acampamento inimigo, e a sacrificar a mão no fogo (donde lhe veio o cognome Cévola, *canhoto*) para provar ao rei Clúsio Porsena a indefectível coragem da juventude troiana valeu-lhe o respeito do inimigo, como a veneração do povo Romano: cf. Tito Lívio (II.12).

<sup>38</sup> Embora a referência seja ambígua, por poder aludir a várias personagens da história de Roma, o contexto parece apontar para a figura de Marco Júnio Bruto: descendente de duas das famílias patricias mais importantes de Roma, foi protagonista de uma relevante actividade política; apesar de ter apoiado nas guerras civis Pompeu Magno, acabou por ser perdoado por Júlio César, que lhe dispensou uma especial protecção, e foi na condição de seu filho adoptivo que liderou a conspiração que levaria à morte do ditador em 15 de Março de 44 a. C.

**2.8.** Na oitava narrativa, datada de 1861 (DCF: 1088), e escrita sob uma inscrição epigráfica de Jules Simon, o narrador expõe em quatro capítulos como, com dezassete anos (DCF: 1079), em peregrinação por Vila Pouca de Aguiar, fez um desvio à aldeia de Pençalves para conhecer o Padre João, que gozava de fama de santidade entre os populares. Desse encontro, e a pretexto da leitura acidental de uma inscrição (“O livro da morte”) na contracapa de um livro (*Obras de Gil Vicente*), guardará, pois, o testemunho do filho sobre os amores atribulados e o casamento dos pais, Bento Gonçalves e Rosa. Com a única referência clássica, na descrição das acomodações com que o acolhem na albergaria de Vila Pouca, o narrador nota que “o travesseiro [...] era impalpável e subtil como uma quimera” (DCF: 1076).

**2.9.** A narrativa do nono casamento, escrita em 1861 (DCF: 1099) sob uma inscrição epigráfica do P.<sup>o</sup> Manuel Bernardes, detalha, em quatro capítulos, a partir do testemunho histórico do cronista D. Francisco de Sousa, S.J., a história de uma princesa agarena, filha do rei mouro Meale, de Balagate, na Índia, acolhida pela fidalga goesa D. Maria Toscana e seu irmão Jorge Toscana, capitão de Cananor (DCF:1092), e baptizada (como D. Maria de Além Mar) pelos Jesuítas; daqui procederia depois, num véu de grande discrição, o casamento da menina com D. Jorge Toscana.

A única referência clássica (de inspiração bíblica, *Livro de Judith*) é, no último capítulo, e no enquadramento das festas religiosas do baptismo da princesa sarracena, a citação em Latim do Cântico da Imaculada Conceição (*Tota pulchra es*, “És toda formosa”)<sup>39</sup>.

**2.10.** A narrativa do décimo casamento, escrita em 1861 (DCF: 1115) sob uma inscrição epigráfica de E. Souvestre, detalha em cinco capítulos a história familiar atribulada do brigadeiro Jácome Pimentel (convencionado de Évora Monte, legitimista, DCF: 1106) e do filho Júlio, que a orfandade materna e a excessiva protecção paterna tornou peculiarmente egoísta e rebelde. De adulto, afeito a todo o tipo de libertinagens e vilezas e contrabandista de profissão, seduz e abandona

---

<sup>39</sup> DCF: 1092: *Tota pulchra es: Tu gloria Jerusalem! Tu laetitia Israel! Tu honorificentia populi nostri! quia fecisti viriliter, et confortatum est cor tuum* (“És toda formosa: Tu, glória de Jerusalém! Tu, alegria de Israel! Tu, honra do nosso povo, porque agiste com coragem e o teu coração foi confortado”).

grávida Sofia Tavares, a filha de um amigo do pai, o Tenente-coronel Heitor Tavares, que morre de desgosto. Jácome Pimentel acolhe Sofia, e para a proteger, a ela e à criança que é o neto, casa-se com ela.

A primeira referência clássica ocorre quando, ao descrever Sofia Tavares, se distinguem as razões ficcionadas que usam sempre os poetas, “desde Horácio” (DCF: 1107)<sup>40</sup>, daquelas que efectivamente traduzem os dinamismos afectivos das mulheres, e são as verdades dos prosadores. A segunda surge no contexto dos sarcasmos tecidos sobre o casamento de Júlio Pimentel em Paris com uma costureira que se vangloriava de ser bastarda de um príncipe alemão (DCF: 1111): um antigo amante brinca com o devaneio, perguntando publicamente “como estava *madame la princesse in partibus infidelium*”<sup>41</sup> (DCF: 1114); o chiste será sanado por um duelo, no qual Júlio morre.

**2.11.** A narrativa do undécimo casamento, escrita em 1861 (DCF: 1127), sob uma inscrição epigráfica do Evangelho<sup>42</sup>, expõe como Francisco da Cunha, um jovem de Murça, preso político liberal, priva na cadeia com um violento ladrão, Tibúrcio da Anta; pela solidariedade que lhe demonstra, o ladrão deixa-o herdeiro do produto do roubo, que o jovem honesto vai devolver à família roubada, os fidalgos da Igreja, em Vila Flor. Apaixonado pela jovem filha do casal, Ana de Lencastre, acaba por casar com ela. Não há qualquer citação clássica, além da epígrafe do Evangelho, em Latim [Mt 19:29], que se inscreve, no início e no fim da história<sup>43</sup>, como moralidade.

**2.12.** Chamado a apreciar a sequência das onze narrativas prévias, o amigo António Joaquim coloca ao narrador, no enquadramento dos méritos da criação literária, a questão da verosimilhança e da verdade narrada. Sob esse pretexto propõe então ao narrador a última história matrimonial. A narrativa, organizada em cinco capítulos,

<sup>40</sup> Trata-se de uma referência geral ao poeta, como representação metonímica do estro poético.

<sup>41</sup> A locução latina *in partibus infidelium* (“nas regiões [habitadas] pelos infiéis”) aplica-se ao título episcopal *do bispo cujo título é puramente honorífico e não corresponde a jurisdição alguma*.

<sup>42</sup> DCF: 1117: “*Centuplum accipiet*. Por um receberá cem. *Evangelho*”.

<sup>43</sup> “[...] e viu que ela era um anjo e que as palavras de Jesus ‘por um receberás cem’ eram infalíveis” (DCF: 1127).

sem datação, e escrita sob uma inscrição epigráfica de Cervantes, detalhará, “no número das verdades inverosímeis” (*DCF*: 1131), o tríptico passional que se instala entre os entediados Paulo de Almeida e Pedro Castro, reencontrados em Alenquer, e a viúva Carolina.

As referências clássicas vão desde as mais ténues reminiscências<sup>44</sup> às viagens míticas de Ulisses (*DCF*: 1129-30), que alegoricamente figuram a itinerância diletante dos dois entediados, a alusões explícitas a factos e figuras históricas: quando se descreve a natureza íntima de Paulo de Almeida, nota-se que, como Alexandre em Arbela<sup>45</sup>, e César em Farsália<sup>46</sup>, assim age com sangue frio perante o coração da viúva este elegante entediado (*DCF*: 1133); a segunda referência clássica parte da elocução de Pedro Castro, que confessa ao interlocutor Paulo Almeida estar ocupado com a restauração das vísceras, nomeadamente o estômago, “que já teve as honras de salvar Roma e reconduzir do Aventino a canalha, quando inspirou o sabido apólogo de Menénio Agripa”<sup>47</sup> (*DCF*: 1137); no remate insólito da história nota-se sintomaticamente que os cravos rubros oferecidos a Carolina por Ermelinda, a irmã solícita de Pedro Castro, são o *deus ex machina* (*DCF*: 1143) que impede o adensar dos silêncios: a alusão, que traz à colação o contexto da dramaturgia antiga, quadra na perfeição com o remate desta sequência de folhetins melodramáticos,

---

<sup>44</sup> *DCF*: 1130: “A família, meu amigo, é a base fundamental da sociedade; e é refúgio das virtudes acoçadas pelas paixões dos que vagabundeiam de escolho em escolho; é a arca santa que alveja no dorso empolado das tormentas do coração e do espírito.”

<sup>45</sup> A Batalha de Arbela (ou, mais correctamente, de Gaugamela) foi a batalha decisiva na qual Alexandre da Macedónia derrotou em 331 a. C. Dario da Pérsia, e que levou ao colapso do Império Aqueménida.

<sup>46</sup> Foi na Batalha de Farsalos (ou Farsália), em Agosto de 48 a. C., durante a Segunda Guerra Civil da República Romana, que Júlio César e os aliados venceram o grande exército de Pompeu Magno, fechando o período histórico da República Romana e dando início ao período de transição que daria origem ao Império Romano.

<sup>47</sup> Cônsul nos primeiros anos da República Romana, Menénio Agripa assumiu, segundo Tito Lívio (II.32.9), particular relevância na resolução da crise de cessação da plebe: conhecido pela sua facúndia, acabou por convencer a plebe da relevância do esforço articulado de todos, pelo reconto de um apólogo sobre como as partes do corpo humano só têm sucesso se trabalharem todas na medida das suas possibilidades para o bem comum.

em que as pequenas tragédias do coração se convertem em espaço de expressão afortunada. Porque afinal, como o autor remata: “O coração é muito e a felicidade doméstica é tudo” (DCF: 1143).

### 3. Conclusões

A leitura atenta dos *Doze Casamentos Felizes* permite verificar a existência de mais de meia centena de notações onde o mundo clássico greco-romano, enquanto *corpus* de um hipotexto complexo, aflora naturalmente no enunciado camiliano. Apesar do regular registo estilístico da ironia do autor, e do enquadramento de ambiguidade em que recorrem os enunciados – ora da responsabilidade do autor textual, ora da das personagens, algumas vezes narradores secundários de tipo homodiegético –, a vinculação matricial ao hipotexto clássico sustenta-se sobretudo na recorrência de referentes associados ao tema nuclear da colecção narrativa, o do amor, expandido semanticamente através de mecanismos alusivos.

A intersecção dos dois intertextos dá-se através do mecanismo pontual de menção de um referente histórico ou mítico: configurando-se como uma citação, em sentido amplo, de uma fonte clássica, ela empresta ao contexto narrativo uma aura simbólica acrescida. Assim, referências simples a figuras concretas da história antiga, como, no contexto político de Roma, César e a mulher, Licínio e Bruto, Clélia, os Cévolas, Apício, Menénio Agripa, Domiciano e Nero, ou no grego, Alcibiades e Sócrates, Alexandre, os Codros, os Getas – cumuladas por referências geográficas fundamentais, como Grécia e Roma, o Helesponto e o Tibre, o Aventino, Arbela e Farsália –, permitem evocar, na turbulenta trama sentimental das novelas, a relevância de temas como o da honestidade e decoro social, da cumplicidade afectiva dos que partilham causas, da coragem e resistência ante os reveses inesperados, da excentricidade desassombrada, da persuasão e liderança, do violento abuso do poder, e da dramática transformação de mentalidades que alguns momentos precários imprimem na sequência ilusoriamente rotineira da vida humana. Outro núcleo de referencialidade simbólica sustenta-se na evocação de figuras e momentos relevantes da

vida cultural e literária antiga: enquanto Homero, Cícero e Horácio, Epiménides de Cnossos, Séneca, Marco Aurélio e Catão, Tito Lívio e Apeles semeiam no contexto narrativo ecos alargados à fecundidade inextinguível da poesia e da retórica, da reflexão filosófica e da ética, da consciência histórica e da sensibilidade artística, a referência à morte de Sócrates, ao múnus das Vestais, às hecatombes e à prática do ostracismo configuram evocações de largo espectro de temas como o do mérito traído e da responsabilidade, da castidade, do sacrifício e da sanção socialmente imposta.

Um segundo grupo de notável produtividade simbólica, que reverte por derivação transfiguradora na narrativa camiliana o hipotexto clássico, é constituído pelas referências míticas associadas ao mitema básico dos excessos passionais: enquanto as alusões a figuras como Menelau, Helena e Páris, Agamémnon e a filha Ifigénia, o soberbo Aquiles, Perseu e Andrómeda, Eneias e Dido, Deucalião e Pirra, e a cenários dramáticos como Ílion e Cartago evocam o tema clássico, profundamente trágico, de amores e desamores, rapto e bárbara violência, menções de divindades, como Cupidos e Vénus, e seres brutais, como Quimeras, Parcas, Fúrias, Medusas e Silenos, além de Procustes, o salteador da Ática, ou a figuras de suplícidos como Tântalo, Sísifo, Prometeu e as Danaides, sugerem os temas inequívocos do desconcerto e do tormento sem fim. A configurar um mecanismo semântico de maior espectro simbólico, ocorrem ainda alusões às desventurosas viagens de Ulisses, de escolho em escolho, que parecem de alguma forma espelhar os movimentos dramáticos de várias das personagens novelescas, nas suas múltiplas itinerâncias afectivas.

Assim, para satisfazer exigências do público, combinando de forma perspicaz a sentimentalidade romântica e a cientificidade naturalista, ambas atenuadas pela velatura de uma provocatória ambiguidade humorística, a série ficcional dos *Doze Casamentos Felizes*, requintada pelos excessos caricaturais da extensa galeria das personagens, e pelas mirabolantes peripécias narrativas, investe de forma obsidante em citações e ecos clássicos greco-romanos, colocados, como referências de excepcional exemplaridade, ao serviço da função expressiva e edificante do projecto narrativo.

## Bibliografia

- Alves, José Edil de Lima (1990). *A Paródia em Novelas-Folhetins Camilianas*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.
- Ausonius, Paulinus Pellaeus (1921). *Volume II: Books 18-20. Paulinus Pellaeus: Eucharisticus*, trad. Hugh G. Evelyn-White. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Castelo Branco, Camilo (1988). *Doze Casamentos Felizes. Obras Completas de Camilo Castelo Branco*, dir. Justino Mendes de Almeida. Vol. 8, Porto: Lello e Irmão Editorespp, pp. 969-1143.
- Coelho, Jacinto Prado (2001). *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*. 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Duarte, Isabel Margarida (2002). “Camilo e o Naturalismo: paródia enunciativa?”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Línguas e Literaturas*, II Série, vol. 19: 353-363.
- Ferraz, Maria de Lourdes (1991). “O realismo romântico de Camilo”. *Arquivos do Centro Cultural Português* 29: 71-84.
- Marco Aurélio (1995). *Pensamentos*, trad. e notas João Maia. Lisboa: Relógio D’Água.
- Pereira, Maria Helena Rocha (1994). “Reflexos da tradição greco-latina em Camilo”. In *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*. Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 49-58.
- (2004) “A Elegia III de Camões”. *Península: Revista de Estudos Ibéricos* 1: 107-112.
- Pinheiro, Cristina Santos (2010). *O percurso de Dido, rainha de Cartago, na literatura latina*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ramalho, Américo da Costa (1994). “Camilo e o Latim”. In *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*. Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 37-48.
- Reis, Carlos, e Maria da Natividade Pires (1993). “Camilo Castelo Branco e o romantismo português”. In *História Crítica da Literatura Portuguesa: O Romantismo*. Vol. 5, Lisboa: Verbo, pp. 185-203.